

## IDENTIDADES CONSUMIDAS

Lourenço Regis<sup>1</sup>

A entrevista cedida por Zygmunt Bauman ao jornalista italiano Benedetto Vecchi por meio de correio eletrônico, em 2004 e publicada pela Zahar no ano seguinte em livro de 110 páginas com tradução de Carlos Alberto Medeiros, nos apresenta uma abordagem sobre a ideia de identidade a partir de diversas perspectivas (histórica, política, sociocultural e psicossocial), entre as quais o autor pontuará o desenvolvimento de tal noção desde sua projeção sólida pelos estados-nacionais na era pré-moderna até o seu formato líquido-moderno atual, volúvel e instável. Além disso, discorre sobre as diversas configurações desse fenômeno identitário ao largo dos diversos âmbitos da vida social (nomeadamente do trabalho, da vida amorosa e do consumo), tal como suas consequências nas práticas e hábitos individuais e coletivos (consumismo, individualismo, insegurança). O debate sobre identidade ganhara destaque por sua então recente inserção e repercussão acadêmica, política e midiática.

A categoria identidade, do modo como é discutida nesta entrevista, define-se pelo pertencimento de um indivíduo a uma dada comunidade, sob a condição deste indivíduo dotar de características específicas prescritas pela comunidade, dentre as quais hábitos, comportamentos, valores, sentimentos, ações, ideias, preferências, ascendência, fenótipos. Estariam tais indivíduos, portanto, dentro de e para tal comunidade, mutuamente reconhecidos, com a ressalva de que tal sentido de identidade não comportará exatidão plena em todos os casos – estando o termo, nalguns deles, significando certa intersecção entre comunidade e indivíduo, cuja concordância maior ou menor definirá o grau de pertencimento do indivíduo à respectiva comunidade. Consideremos, ainda, que certas características individuais podem obstruir por inteiro a pertença comunitária, invalidando outras características comuns entre as partes – fenômeno análogo ao que em química é conhecido por mistura heterogênea, levando-se em conta que os elementos subjetivos e as leis sociais que os regem não são imutáveis (quem possuísse ascendência judia,

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Sociais (UFS). E-mail: lrcrgs@gmail.com

mesmo que nascido em território alemão, teria direitos retirados no período nacional-socialista, por exemplo).

A princípio, as identidades seriam definidas pelas comunidades – noutro texto, *Comunidade*, no entanto, Bauman considerará que ambas podem ser imaginadas e criadas independentemente, junto a um processo de substituição das comunidades pelas identidades. Indagar-se a respeito da própria identidade indicaria, implicitamente, ter vivenciado uma experiência de ruptura com a comunidade na qual inserido, isto é, ter sido por ela renegado (estando, portanto, vetado o acesso às garantias por ela oferecidas), sendo assim impelido, por escolha ou coerção, a buscar novas comunidades às quais possa pertencer, pelas quais características individuais intrínsecas (ao menos no instante do “contrato”) sejam aceitas. Experiência típica àqueles indivíduos que vivenciaram comunidades circunstancialmente reconfiguradas ideologicamente ou que se reconfiguraram por influência doutras comunidades (ausente em membros de “sociedades fechadas”, com nível de integração pleno – noutras palavras, fenômeno tipicamente moderno).

Bauman relata a experiência pessoal de ruptura e mobilidade entre comunidades a fim de exemplificar o processo identitário líquido-moderno. Expulso da Polônia, por possuir ascendência judia, o entrevistado passa a viver, por convite e por opção, na Inglaterra. Em ocasião de uma cerimônia de titulação, tendo de escolher por um ou outro hino nacional quando da outorga, termina optando por um terceiro, o da Europa, em atitude simultaneamente inclusiva – uma vez que ambas as nações estão contidas no continente europeu – e excludente – anulando, sob certo aspecto, as diferenças entre ambas as nacionalidades. Isto é, o fato dessas nações pertencerem a um mesmo continente não foi o suficiente para eliminar as diferenças entre as duas nações, e assim dirimir o mal-estar ocasionado por não sentir-se ou considerar-se totalmente pertencido a nenhuma delas – quando se é de todos os lugares, não se é de lugar algum.

Como dito mais acima, para Bauman, a questão da identidade surge a partir do conflito ou dissenso entre indivíduo e comunidade, e este conflito abre a possibilidade ao indivíduo de identificação com outras comunidades, não obstante a mobilidade comunitária não instaure uma reconfiguração identitária plena, o que dificulta autoafirmação concisa e permanente. A nova comunidade não substitui a anterior por inteiro,

não oferece sentimento de pertença plenamente legítimo. Podemos deduzir os efeitos de tais experiências em indivíduos nos quais a sucessão de substituições comunitárias e identitárias ocorre em maior número e menor tempo (a despeito de fazê-lo em presumível menor intensidade, dado que a nacionalidade não encontrou concorrentes em termos de solidez até nossos dias).

A experiência vivida por Bauman será repetida de diversas maneiras, por um número cada vez maior de indivíduos e de forma cada vez mais intensa à proporção em que as “forças globalizantes” tornam-se mais expressivas, como afirma o autor: “as peculiaridades da minha biografia apenas dramatizaram e colocaram em pleno destaque um tipo de condição que hoje em dia é bastante comum, a caminho de se tornar quase universal” (2004, p. 18).

A liquefação moderna, efeito do distanciamento entre nação e Estado e da privatização, teve influência direta na proliferação de identidades. Diferentemente do tipo de identidade que a sociedade ocidental se propunha na primeira modernidade, sólida – na qual as políticas de Estado empenhavam-se em manter uma cultura nacional que provesse identidades sólidas, através das quais a sensação de pertencimento fosse de tal modo naturalizada que mesmo a cogitação de seu questionamento não viesse a ser por qualquer motivo aduzida –, no presente panorama, no qual se vê enfraquecida a aliança necessária entre nação e Estado, marcado por uma cultura flexível e mutável, a identidade perpassa ininterruptas interposições e renegociações, movendo-se rapidamente e em aceleração constante; retirando, assim, de seu significado, a tradicional ideia de pertencimento irrefragável. Dito de outro modo, não haveria mais aquela comunidade estável e duradoura, promotora de segurança e bem-estar, a qual se se pudesse e quisesse pertencer. A relação entre indivíduo e comunidade torna-se ambivalente – o que se refletirá nas relações interpessoais de toda sorte –, no que ocorre haver sempre algo a se perder tanto com um maior quanto com um menor grau de pertencimento. No primeiro caso, a angústia se dá pela sensação de estagnação, de mal aproveitamento das oportunidades, de carência por maior liberdade; no segundo, através da sensação de vazio causada pela ausência de segurança (jamais proporcionada pela modernidade sólida, que continha eficazmente qualquer necessidade por liberdade através de uma política de identidade nacional forte, promotora de acolhimento e previsibilidade).

Não mais monitorados e protegidos, cobertos e revigorados por instituições em busca de monopólio – expostas, em vez disso, ao livre jogo de forças concorrentes –, quaisquer hierarquias ou graus de identidades, e particularmente os sólidos e duráveis, não são nem procurados nem fáceis de construir. As principais razões de as identidades serem estritamente definidas e desprovidas de ambiguidade (tão bem definidas e inequívocas quanto a soberania territorial do Estado), e de manterem o mesmo formato reconhecível ao longo do tempo, desapareceram ou perderam muito do poder constrangedor que um dia tiveram. As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas (2004, p. 34).

No entanto, a liberdade de escolha identitária oferecida pela então modernidade desregulamentada e privatizada não estaria posta ao acesso de todos. O tipo de comunidade oriundo da recente sociedade líquido-moderna não oferece quaisquer garantias aos seus novos membros autoproclamados – para pertencerem-na, estes terão de fazê-lo com recursos e mérito individual, diferentemente do tipo de tratamento parental oferecido pelo Estado social de outrora. Isto é, o poder de escolha entre as diversas comunidades disponíveis, tal como o custo de troca ou descarte, restringe-se a um número reduzido de sujeitos (a elite econômica). Os efeitos deste modelo de organização social nos indivíduos médios, segundo Bauman, são o individualismo, a insegurança e a ansiedade. Socialmente, o modelo gera exclusão como nenhum outro – as demandas das comunidades na sociedade fluida não obedecem quaisquer regularidades, sempre contínuas, restringindo o acesso e o sucesso dos inaptos e daqueles que almejam projetos de vida lineares.

Reações conservadoras contrapondo-se a tal modelo globalizante, como o nacionalismo e o fundamentalismo, insurgem em tentativas nostálgicas e pouco creditáveis de reavivamento de uma identidade similar àquela instituída pelo Estado-nação, bem como de incorporação daqueles excluídos do acesso ao consumo de identidades, constituindo ambas meramente “alternativas de solução local para problemas gerados globalmente” (2004, p. 66). Identidades e comunidades fluidas, relações interpessoais (amorosas, profissionais, jurídicas, espirituais...) desregulamentadas – imprevisíveis e instáveis –, “globalização”, cultura de consumo e individualização: eis alguns motes do mundo contemporâneo abordados. Certos efeitos

psicossociais, socioeconômicos e ambientais da modernidade líquida apontados por Bauman indicam certa desconfiança do autor para com as promessas do modelo atual. O movimento acelerado e contínuo de seleção e descarte identitários, cujas transações alimentam um mercado de consumo cíclico de curtíssimo prazo, bem como a aparente ausência de controle dos efeitos supracitados, parecem produzir mais desigualdade, intolerância, exclusão, insegurança e desconforto (o autor cita sintomas como a depressão e ansiedade), do que prazer e bem-estar – este último resultante da “dosagem apropriada” de liberdade e segurança.

As identidades – cuja função, nestes tempos, é proporcionar prazeres imediatos, já que impotentes contra a insegurança e o desamparo a longo prazo –, mais do que a comunidades, assumem a função ou a aparência de mercadorias. Como tais, guardam sua característica neoliberal mais proeminente e fundamental: a obsolescência programada. A cultura de consumo liberal e a produção de identidades pelo mundo multicultural e globalizado, ambos massificados, parecem possuir estreita correlação, ainda que o autor não a indique explicitamente nesta obra. Em *Vida para consumo* (2008), o autor nos revela que o ato de consumir torna-se um investimento, agregando valor ao indivíduo, que é reconhecido pela então sociedade de consumidores com base nesse consumo. Desse modo, o indivíduo torna-se, também, uma mercadoria, ávido por empoderamento para que possa ser, ele mesmo, “consumido” (poderíamos traduzir por “aceito”) por uma organização privada ou estatal, por uma parceira ou parceiro, por um grupo de pessoas e assim por diante. Esse processo é denominado pelo autor de “comodificação do consumidor”. A sociedade de consumidores é regida pela soberania do mercado, e não mais do Estado, como na modernidade-sólida. Embora o Estado não tenha sido totalmente substituído pelo mercado, age em serviço deste, como no caso de restrições imigratórias da política britânica sobre indivíduos “desnecessários ao país”, tal que exemplificado por Bauman na obra supracitada. A sociedade de consumidores prescreverá sujeitos consumíveis para concedê-los aval de existência social.

Ao fim da entrevista, Bauman reitera a difícil tarefa de lidar com a autoidentificação no panorama líquido-moderno e sua desconfiança para com os prazeres imediatos que a liberdade de escolha parece

proporcionar. No entanto, afirma ser ainda mais problemático resistir ao processo globalizante e recusar o engajamento com as diferenças.

### **Referências**

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.